

Introdução: o estudo do messianismo



“O que é um ‘cristão?’”, perguntou James H. Charlesworth. E respondeu: “A maioria das pessoas responderia: quem acredita que Jesus de Nazaré era ‘o Cristo’ que os judeus estavam à espera. Muitos cristãos, judeus e a maioria dos cidadãos do mundo moderno tenderia a concordar com essa definição. No entanto, ela é equivocada e, na verdade, inexata”, continuou Charlesworth, “[porque] assume três coisas: (1) que o título ‘Cristo’ categoriza totalmente Jesus; (2) que os cristãos estão claramente de acordo com o que esse título, ‘Cristo’, denota; e (3) que todos judeus, ou praticamente todos eles, aguardavam a vinda do Messias ou Cristo durante o tempo de Jesus”.¹

Este estudo do conceito do Messias no Antigo Testamento tentará mostrar que “a maioria das pessoas”, de acordo com a estimativa de Charlesworth, não está longe dessa definição, se é que de alguma forma elas estão longe dela. Tentará também recuperar o que Anthony Collins deixou de perceber quando publicou, em 1724, um livro intitulado *Discourse of the Grounds and Reasons for the Christian Religion* [Discurso dos fundamentos e razões para a religião cristã] e sua sequência, em 1727, intitulada *The Scheme*

¹ James H. Charlesworth, “From Messianology to Christology: Problems and Prospects”, em *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity*, ed. James H. Charlesworth / (Minneapolis: Fortress, 1992), p. 3. Veja também Charlesworth, “From Jewish Messianology to Christian Christology: Some Caveats and Perspectives”, em *Judaism and Their Messiahs*, ed. J. Neusner, W. S. Green e E. Frerichs (Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1988), p. 225-64.

of *Literal Prophecy Considered* [O esquema da profecia literal considerada].² Collins, nessas duas obras, tentou mostrar que o uso do sentido literal de certos textos-prova messiânicos do Antigo Testamento não podem apoiar a interpretação messiânica dada a eles pelo Novo Testamento. De acordo com ele, apenas o sentido original (ou seja, o literal) poderia ser declarado como o sentido válido e verdadeiro do texto. O suposto cumprimento “completo” ou “espiritual” desses textos do Antigo Testamento que muitos aplicavam a Jesus, concluiu Collins, não poderiam ser mais que ilustração; em todo caso, eles não equivalem a uma “prova” específica de que Jesus fora antecipado como o “messias” com certas características e obras na época dos profetas.

Por isso, o século XVIII iniciou o longo debate, que continua até hoje, sobre o “argumento” apologético “da profecia” para o Messias. É interessante observar que em 1742, menos de vinte anos depois do primeiro livro escrito por Collins aparecer, o oratório de George F. Handel, *O Messias*, teve sua primeira apresentação. Essa obra, que continua a ser favorita em muitas culturas até hoje, usa a compilação básica de passagens bíblicas e reflete o tipo de conclusões que “a maioria das pessoas”, tem sobre a relevância e sentido das passagens citadas do Antigo Testamento.

A. Definições

É útil definir vários dos termos que usamos neste estudo de messianismo no Antigo Testamento, usando a metodologia da teologia bíblica. Isso é particularmente útil uma vez que os debates atraem muita atenção e as apostas no argumento, de muitos pontos de vista, são tão fundamentais quanto a própria definição para “cristianismo”.

1. *Messiânico*. Uma fonte de confusão é que o termo “messiânico” tem uma gama muito maior de sentidos que “Messias”. “Messiânico” é usado

² Essas referências me foram fornecidas pelo artigo de Ronald E. Clements, “Messianic Prophecy or Messianic History?” *HBT* 1 (1979), p. 87, Clements refere-se a J. O’Higgins, *Anthony Collins: The Man and His Works*, International Archives of History of Ideas 35 (The Hague: Nijhoff, 1970), p. 155ss., para as obras de Collins sobre profecia bíblica. Veja também H. W. Frei, *The Eclipse of Biblical Narrative. A Study in Eighteenth and Nineteenth Century Hermeneutics* (New Haven: Yale Univ. Press, 1974), p. 66ss.

em geral para tudo no Antigo Testamento que se refere à esperança de um futuro glorioso. Isso sugere que a característica central da era dourada por vir é a expectativa do Salvador e Rei Messias. Mas esse fato é debatido de forma calorosa, pois, na mente da maioria dos estudiosos de hoje, a expectativa mais antiga e mais geral era pela vinda de uma era de felicidade. Só muito tempo depois, de acordo com esse consenso acadêmico, a esperança do Messias seria conectada a essa expectativa.

A questão cronológica do que vinha primeiro e do que vinha mais tarde na Escritura sempre será uma fonte de vigoroso debate, em especial quando os argumentos são baseados quase exclusivamente em evidência interna. Esse fato abre a porta para uma grande dose de especulação e subjetividade. Mas a maioria das passagens que falam sobre o futuro glorioso não se referem de modo algum a um rei futuro; ao contrário, elas são em geral sobre Iavé, que age em julgamento ou libertação. De acordo com isso, os estudiosos acreditam que muitas passagens erroneamente chamadas messiânicas são mais bem localizadas apenas sob a categoria de escatologia. O problema que teremos de enfrentar é onde a identidade e a obra de Iavé *coincide* ou *sobreposição* com a do Messias. Se o texto desenvolve um elo entre a pessoa e obra de Iavé e a do Messias, a maioria das objeções incluídas em materiais messiânicos sob a rubrica “Messias” desaparecerão.

2. *Messias*. E quanto ao termo *messias*? O termo hebraico *māšāḥ* aparece 39 vezes no Antigo Testamento e é traduzido na Septuaginta pelo termo grego *christos*, que passou a ser a designação oficial para Jesus no Novo Testamento e, de início, uma forma pejorativa de se referir a seus seguidores: “cristãos”.

A forma hebraica é um substantivo verbal derivado de *māšāḥ*, cujo sentido é similar ao do particípio *māšūḥ* (e.g., 2Sm 3.39), traduzido por “ungido”. No sentido prevaLENcente dessa raiz (exceto por dois usos em Is 21.5; Jr 22.14), a ideia é de consagração de objetos ou pessoas para propósitos sagrados — o altar, a bacia, etc. O substantivo, no entanto, só é aplicado para objetos animados: os que eram consagrados nessa categoria eram sacerdotes, profetas e reis.

Embora muitos estudiosos afirmem que o termo *messias* era usado em um sentido mais geral como um epíteto para reis, sacerdotes e profetas (na verdade, até mesmo para o rei estrangeiro Ciro, cf. Is 45.1), e nunca

em seu sentido técnico posterior, o texto parece argumentar o inverso em pelo menos nove de suas 39 ocorrências. Essas nove passagens retratam algum “ungido” que viria no futuro, em geral da linhagem de Davi, e que seria o rei de Iavé: 1Samuel 2.10,35; Salmos 2.2; 20.6; 28.8; 84.9; Habacuque 3.13; Daniel 9.25,26. Mas esse termo não era o mais frequente nem o mais claro no Antigo Testamento para retratar o Rei esperado que reinaria no trono de Davi. Se fosse para escolher um título mais promissor, baseado apenas na frequência com que aparece, seria “Servo do Senhor”.

A maneira como o título *messias* ganhou sua posição técnica aconteceu quando Saul foi rejeitado como rei. O Senhor, no lugar dele, escolheu “um homem segundo o seu coração” (1Sm 13.14). Esse homem veio a ser Davi, filho de Jessé. Davi foi ungido pela primeira vez por Samuel (1Sm 16.13), depois, ungido como rei de Judá (2Sm 2.4) e, no fim, ungido como rei sobre toda a Israel (2Sm 5.3). Antes disso, Saul fora chamado o “ungido do SENHOR” (*māšāḥ YHWH*; 1Sm 24.6[7], 10[11]; 26.9,11,16,23; 2Sm 1.14,16), mas Davi era o “ungido” de Deus e “a partir daquele dia, o Espírito do SENHOR apoderou-se de Davi” (1Sm 16.13). Davi foi chamado o “ungido” do Senhor por dez vezes.

O fato do mesmo título, “ungido”, também ser usado para sacerdotes e profetas não deve nos surpreender. O grande antítipo, o Cristo do Novo Testamento, abraçou todos os três cargos e funções de profeta, sacerdote e rei. Nesse sentido, o Messias estaria acima dos “[s]eus companheiros” (Sl 45.7[8]), ou seja, acima dos “cristos” ou “ungidos” da Antiguidade. É possível observar alguma preparação para essa tripla assimilação de títulos e funções no fato de que alguns “companheiros”, ou precursores, do Messias no Antigo Testamento exerciam dois cargos ou funções: Melquisedeque era sacerdote e rei; Moisés era sacerdote e profeta; e Davi era rei e profeta.

O sentido primário do termo *messias* como ungido e a limitação de seu uso como substantivo verbal para profetas, sacerdotes ou reis foi o que começou a modelar sua posição de termo técnico. Nesse sentido, o conceito teve um surgimento muito anterior como um termo e conceito relevantes do que admitiriam muitos na tradição acadêmica estabelecida por Collins em 1724 e 1727.

A relação de Iavé com seu “ungido”, o rei, foi cimentada na profecia de Natã de 2Samuel 7. Aqui Davi e sua linhagem de reis assumiu uma

posição única que garantia a ele e seus filhos reinantes um reinado que seria “estabelec[ido]” por Iavé “para sempre” (vv. 12-16). Natã, sem usar a palavra *māšîāh*, representou um avanço relevante na revelação progressiva do que o conceito de Messias acarretava. E o salmo 89, ao comentar o evento de 2Samuel 7, refere-se à promessa transmitida por Natã como aquela que o Senhor prometera (Sl 89.3-4[4-5]; 132.11-12), uma vez que Deus fez uma “aliança” com Davi para ser seu “escolhido”, seu “servo” (89.3-4[4-5],35; 132.10), seu “primogênito” e “o mais exaltado dos reis da terra” (89.27[28]), para quem Deus seria “Pai” (89.26[27]). Aqui, portanto, estava o protótipo messiânico. Por essa razão, o salmista podia orar em 132.10: “Por amor ao teu servo Davi, não rejeites *o teu ungido*” (*m’šîbekā*, grifo do autor).

3. *Futurismo e escatologia*. Alguns preferem colocar todas as expectativas e esperanças para o futuro que têm uma orientação histórica e completamente davídica estampada nelas como um messianismo real limitado ao futuro do povo judeu daquela época e ao estado de Israel. Esse conceito de futurismo é usado com frequência a fim de separá-lo do futuro das “últimas coisas” conectado ao reinado glorioso de Iavé. A escatologia, de acordo com esse mesmo conjunto de distinções, é reservada às novas promessas de Deus que os profetas viam além do rompimento com o povo, o estado e o reino de Davi.

Mas essas distinções introduzem uma divisão de pensamento no ponto em que o Antigo Testamento pede tal divisão. Na verdade, os problemas, os sucessos e os fracassos com orientação histórica de Davi e seu tempo estavam ligados diretamente com o que Deus faria nesse dia final de julgamento e libertação. Só aqueles que insistem que a promessa da terra, a centralidade de Sião e a restauração do povo é ou um *fait accompli* histórico ou uma oferta agora extinta que têm de fazer esse tipo de divisão. Em nossa percepção, Deus não retirou sua promessa de dar a terra para Israel, de restaurá-los de volta àquele território ou de colocar um dos descendentes de Davi em seu trono em Sião.

B. Pontos de partida

Como é possível abordar o estudo das características messiânicas no Antigo Testamento? De que ponto se deve começar? Como o progresso da doutrina tem de ser mapeado? O sentido original do contexto do Antigo

Testamento é bastante durável para sugerir qualquer coisa como o que “a maioria das pessoas” acham que o Antigo Testamento diz, sem falar do que o Novo Testamento afirma para sua doutrina do Messias?

Provavelmente a melhor maneira de iniciar o estudo nessa área seja traçar rapidamente que abordagens foram tentadas e encontrar o que faltava nelas antes de fazer sua própria proposta. Podemos enumerar sete métodos diferentes que são usados para superar o desafio de Anthony Collins para o que escreveu sobre como a forma tradicional de entender os textos messiânicos do Antigo Testamento.

1. *Duplo sentido*. A primeira contradição nas críticas levantadas por Collins foi exemplificada por Thomas Sherlock em sua obra *The Use and Intent of Prophecy* [O uso e a intenção da profecia] (London, 1732).³ Ele argumentou em favor de algum tipo de duplo sentido na profecia. O que Collins defendia sobre o sentido literal, concedeu Sherlock, podia de fato ser verdade em relação ao sentido original no texto do Antigo Testamento, mas tinha de ser um sentido posterior e mais completo, ao qual a interpretação e aplicação messiânicas pudessem ser ligadas. Essa tática veio a ser popular, até hoje, mas ao preço de perder a maioria dos valores proféticos das antecipações do Messias em seu contexto do Antigo Testamento.

2. *Sentido único*. Como o sentido duplo de interpretação era usado para resolver os novos desafios à profecia do Antigo Testamento e prognósticos messiânicos, J. G. Herder (1744-1803) e J. G. Eichhorn (1752-1827) surgiram no fim do século XVIII com uma proposta de uma nova abordagem para o estudo da profecia e interpretação messiânica. Para Herder, e em especial Eichhorn, a ideia toda de que o Antigo Testamento continha uma predição da vinda de um Salvador era apenas uma imposição dogmática ao texto da Escritura. A profecia só pode ter um sentido — o sentido que era entendido no tempo e ambiente do profeta. Eichhorn tinha tanta certeza que erradicara a ideia toda de textos-prova messiânicos e profecia prognóstica do Antigo Testamento que pôde afirmar em 1793: “As três últimas décadas apagaram o Messias do Antigo Testamento”.⁴ Eichhorn,

³ Estou em débito com Clements, “Messianic Prophecy or Messianic History?” pelo esboço geral das posições comentadas ali.

⁴ O trabalho de Herder e Eichhorn sobre profecia está registrado em E. Sehmsdorf, *Die Prophetenauslegung bei J. G. Eichhorn* (Göttingen: Vandenhoeft, 1971), p. 153-54, conforme citado em Clements, p. 89.

a fim de compensar por essa perda, substituiu as antigas predições messiânicas do Antigo Testamento por um entendimento com base mais ampla do que era a esperança para o futuro no Antigo Testamento. Em vez de depender de “vaticínios” (*Weissagung*), ele sugeriu que o “discernimento” (*Abndung*) os substitui como a categoria de pensamento a ser aplicada à profecia. O que isso fazia era afastar a atenção do intérprete do texto do Antigo Testamento e a dirigir para o próprio profeta. Com o profeta, o discernimento veio primeiro a ser e foi expresso pela primeira vez.

Como resultado desse método, no final do século XVIII, a própria noção de profecias messiânicas, em especial quando entendidas no passado, quase desapareceu das discussões de profecia. O pouco de discussão da esperança messiânica restante foi tão ampliada que dificilmente era possível reconhecê-la.

3. *Sentido do Novo Testamento*. Outra tentativa maciça de controlar essa abordagem mais nova à profecia messiânica apareceu em uma obra de três volumes escrita por E. W. von Hengstenberg de 1829 a 1835. Entre os anos de 1854 e 1858, uma segunda edição (em quatro volumes) do mesmo autor apareceu com o título *Christology of the Old Testament and a Commentary on the Messianic Predictions* [Cristologia do Antigo Testamento e comentário sobre as predições messiânicas] (Edinburgh).⁵ Hengstenberg, embora tratando de passagens isoladas sobre a ideia messiânica em sua ordem cronológica, admitiu que o Novo Testamento era seu árbitro final em pontos difíceis.

Os estudiosos tendem a culpar esse sucessor à cadeira de W. M. L. DeWette na Universidade de Berlim por não prestar muita atenção como deveria às circunstâncias históricas das passagens. Enquanto Hengstenberg protestava contra as interpretações “racionalistas” de outros, eles o acusavam de impor esquemas dogmáticos ao texto, desprovidos dos

⁵ A primeira edição da obra de von Hengstenberg foi publicada em Berlim por Oehmigke. Essa edição foi traduzida para o inglês por Reuel Keith e publicada em Alexandria por Morrison (1836-39). Ela foi resumida por Thomas Kerchever Arnold (London: Francis and John Rivington, 1847) e reimpressa por Kregel em Grand Rapids, Michigan, como *Christology of the Old Testament and a Commentary on the Messianic Predictions* (1970), com um prefácio de Walter C. Kaiser, Jr.

aspectos históricos mais amplos. Nesse sentido, o debate não se moveu muito em cem anos. Merece ser comentado, no entanto, que os volumes de Hengstenberg ainda são reimpressos mais de 150 anos depois enquanto todos os livros de seus críticos deixaram de ser impressos há muito tempo.

4. *Sentido desenvolvimentista.* Franz Delitzsch, outro escritor conservador, rompeu com o princípio de controlar o Novo Testamento de Hengstenberg, uma vez que ele também percebeu que esse princípio, como o sentido duplo, fracassou em conseguir alguma confiança na comunidade acadêmica.⁶ Esse estudioso concordava com muitos dos argumentos tradicionais de profecia, mas também insistiu que toda interpretação de profecia do Antigo Testamento tem de satisfazer dois critérios: (1) o de localizar a profecia no tempo e circunstâncias do profeta original, e (2) de permitir apenas um único sentido para cada profecia, sem recorrer a um sentido tipológico ou espiritual a fim de resgatar uma passagem para a interpretação messiânica. Delitzsch concordou que algumas das passagens usadas anteriormente como textos-prova para o argumento tradicional para o Messias não podiam mais ter esse peso. Delitzsch, nesses procedimentos e concessões, parecia dar fundamento para os não conservadores.

Ele, a fim de voltar à interpretação tradicional dos textos messiânicos, propôs a ideia de desenvolvimento. Isso permitiu a Delitzsch que o Antigo Testamento dissesse *menos* que seu cumprimento em Jesus exigia, mas proveu para o Antigo Testamento dizer *mais* quando a profecia original do Antigo Testamento era cumprida pela doutrina e experiência cristã posteriores. Esse método também teve pouco ou nenhum impacto no mundo de estudiosos não conservadores.

5. *Sentido objetivo.* Enquanto Hengstenberg e Delitzsch trabalharam em dois tipos diferentes de tentativas conservadoras de reabilitar os entendimentos tradicionais da doutrina messiânica, outros argumentos mais radicais e críticos eram preparados. O representante mais conhecido desse grupo foi um livro de A. F. Kirkpatrick.⁷ Ele, em seu capítulo “Cristo o objetivo da história”,⁸ retratou Cristo como o objetivo da profecia, mas

⁶ A contribuição de Delitzsch foi intitulada *Messianic Prophecies in Historical Succession* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1891).

⁷ A. F. Kirkpatrick, *The Doctrine of the Prophets* (New York: Macmillan, 1897).

⁸ *Ibid.*, p. 517ss.

o objetivo era ético e moral. Cristo não era o objetivo no sentido de que cumpriu promessas específicas e detalhadas em sua vinda; ao contrário, ele era o objetivo no fato de que uniu todas as linhas de profecia dando-lhes um novo sentido. Mais uma vez, a esperança profética foi tão ampliada que qualquer pronunciamento profético passou a ser vago, a ponto de ser arcaico, incidental e praticamente inútil.

6. *Sentido de releitura.* Uma tentativa mais recente de conectar a profecia do Antigo Testamento com o cumprimento do Novo Testamento é feita por meio de um processo conhecido como *releitura*: ou seja, o processo de reler profecias anteriores de uma nova maneira de modo que elas tenham um novo sentido.⁹ Essa tentativa, de muitas maneiras, é uma volta ao “sentido duplo” com o qual toda esse ciclo começou. Uma vez que as profecias do Antigo Testamento não foram o trabalho de autores sozinhos e passaram por um longo processo de interpretação e reinterpretação, ou assim foi argumentado, não houve nenhuma forma final para entender seus sentidos. A subjetividade desse processo de interpretação do texto não manteria apoiadores sérios por muito tempo. Ele era evasivo e não tinha potencialidade validadora em nada que pudesse ser visto como objetivo.

7. *Sentido teológico.* A solução do século XX para esse debate difícil que prosseguia entre as afirmações históricas e teológicas do texto pendeu para o lado teológico. Essa percepção, é necessário reconhecer, defendia que o Novo Testamento via Cristo como o fim da história de Israel, mesmo se fosse apenas um julgamento teológico, e não histórico. O tema messiânico *escondido* tivera sua parte na representação do Antigo Testamento pelo Novo Testamento. Portanto, a história de Israel encontraria sua consumação e estágio final de crescimento, argumentou H. G. A. Ewald, no aparecimento da igreja cristã.¹⁰

O preço pago aqui, claro, é a transfiguração de Israel na igreja, o que se torna o último estágio dessa nação. Mas isso vai contra as esperanças claramente expressas dos próprios profetas do Antigo Testamento de que

⁹R. E. Clements aponta os seguintes representantes desse método: J. Vereylen, *Du prophète Isaïe à l'apocalyptique. Isaïe I-XXXV miroir d'un demimillenaire d'expérience religieuse en Israel* (2 vols., Paris: J. Gabalda, 1977-78), 2:655ss. Cf. também B. S. Childs, *Biblical Theology in Crisis* (Philadelphia: Westminster, 1970), p. 155ss.

¹⁰H. G. A. Ewald, *The History of Israel* (4^a ed.; 8 vols., London: 1883-86), 6:7, 9.

Deus concluirá no tempo e espaço o que prometeu fazer havia muito tempo, a saber, dar a Israel a terra e garantir ao mundo um novo rei davídico.¹¹

Assim, como será? O Antigo Testamento contém profecias específicas e particulares sobre a pessoa e obra de um Messias por vir? Ou essas profecias eram mais genéricas em suas expectativas, enquanto suas particularidades lidavam apenas com as realidades históricas do que estava acontecendo bem ali no momento na época dos profetas? Como desfazer esse nó górdio?

C. Uma proposta

Começemos admitindo que os não tradicionalistas têm uma justificativa em sua insistência em dois critérios a serem usados na interpretação de profecias: (1) o sentido das referências do AT ao Messias tem de refletir a própria época e circunstâncias históricas do autor; e (2) o sentido tem de estar refletido na gramática e sintaxe do texto do AT. Negar essas duas hipóteses introduz pandemônio no processo interpretativo.

Os conservadores não foram bem-sucedidos em suas tentativas de desfazer esse nó górdio recorrendo ao sentido duplo, um sentido messiânico no NT ou algum desenvolvimento secundário por trás, sob ou ao redor do texto em um sentido espiritual ou tipológico que poderia ser validado apenas a partir da teologia ou experiência posterior. Todos esses procedimentos provaram ser autodestrutivos, pois apenas levavam a pontos de vista paroquiais, privados ou preferenciais. A vantagem dos atributos comuns da linguagem foi confiscada em favor de uma chave interna que só poderia ser suprida para aqueles que participaram primeiro nos mistérios esotéricos do grupo conservador. Todas as supostas vantagens apologéticas de recorrer aos textos do AT por meio dos apóstolos e dos quatro evangelistas do NT deixaram de existir de uma só vez por causa desses sistemas hermenêuticos de duas vias de interpretação das passagens messiânicas.

1. *Sentido epigenético.* O que, então, foi deixado de lado, que ainda não foi tentado? Um método que não recebeu uma exposição justa nas descrições acadêmicas e populares de interpretação messiânica é aquele que denomi-

¹¹ Para uma apresentação completa dessa ideia, veja Walter C. Kaiser, Jr., "An Assessment of 'Replacement Theology'", *Mishkan* 21 (1994), p. 9-20.